

Língua Portuguesa, Linguagem e Linguística 3

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)



Editora
Atena

Ano 2018

IVAN VALE DE SOUSA

(Organizador)

Língua Portuguesa, Linguagem e Linguística 3

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Edição de Arte e Capa: Geraldo Alves

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

L755	Língua portuguesa, linguagem e linguística 3 [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018. 3.287 kbytes – (Língua Portuguesa; v. 3) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-85107-13-0 DOI 10.22533/at.ed.130181308 1. Língua portuguesa. 2. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de. CDD 410
------	---

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo do livro e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

E-mail: contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Esta coletânea lança luzes às diferentes reflexões que compõem os trabalhos dos mais diferentes autores/ pesquisadores que objetivam trazer para o público leitor as múltiplas maneiras e linguagens em que o trabalho com as modalidades comunicativas se inserem. Além disso, o desafio de democratizar as metodologias e as ponderações por seus autores revelam as peculiaridades com que cada um apresenta suas objeções estabelecendo conexões entre as reflexões.

Todos os dezenove trabalhos que desenham uma cartografia robusta à luz dos múltiplos conhecimentos estão inseridos em diferentes correntes e fundamentos epistemológicos, reafirmando que as Ciências da Linguagem tomam rumos diferenciados e se realizam na experiência dos sujeitos, que ora são leitores do próprio enunciado, ora são produtores do discurso.

As ações de ler, escrever, refletir e produzir aproximam as interlocuções dos trabalhos que compõem este volume, justificando que a tensa e robusta cartografia de ideias e objetivações estabelecem à obra uma qualidade diversificada. São diferentes autores que aceitaram o desafio de mostrar aos muitos interlocutores, que lerão estes trabalhos, a justificativa de demonstrar como cada um constrói, reconstrói e estabelece o caminho capaz direcioná-lo na descoberta de novas acepções da linguagem.

Não muito diferente dos objetivos inseridos em cada trabalho é a identidade que esta coletânea recebe. Comungamos do mesmo ideal de que o objetivo deste volume é revelar aos diferentes leitores e pesquisadores como o conhecimento realiza-se mediante a utilização de construção cartográfica dos múltiplos saberes que podem ser construídos no fazer e no compreender a relação da linguagem com seus sujeitos e contextos.

O cruzamento dos muitos discursos que se encontram nesta coletânea expressa nitidamente como fundamentação essencial à ampliação do processo de formação linguística e letramento de seus autores e leitores, a partir dos quatro temas capazes de estruturar o que os interlocutores encontrarão na obra: *leitura, escrita, reflexão e metodologia*.

Os objetivos que dão forma e identidade à coletânea são provenientes de diferentes contextos de utilização e práticas de trabalho com a linguagem e, nessa concepção, os autores/pesquisadores compreendem que todo e qualquer trabalho de valorização da linguagem e suas variações perpassa pela diversidade de conhecimentos na constituição de programas capazes de lançar luzes às etapas do saber.

A noção de diferença entre as reflexões não torna a coletânea um percurso incompreensível do ponto de vista reflexivo, mas, pontua a necessidade de enxergar como a linguagem efetiva-se nas diferentes teorias e práticas defendidas e apresentadas pelos autores. Sendo assim, os dezenove trabalhos que dão forma e sentido a este volume propõem um convite à leitura e aos debates dos textos servindo como acesso aos leitores de outras reflexões no estabelecimento de uma “ponte dialógica” entre

sujeito e conhecimento.

Ivan Vale de Sousa desenvolve no primeiro capítulo a discussão sobre textualidades e o ensino de gêneros textuais no contexto da educação básica, trazendo para o leitor um recorte de suas práticas de trabalho com a linguagem, além de promover frutíferas reflexões partindo de um contexto estabelecido de produção e compreensão de trabalho linguístico com o texto. No segundo capítulo, Artemio Ferreira Gomes e Marcos Antônio Fernandes dos Santos revelam as funções da leitura, escrita e criticidade tendo como *corpus* os textos de acadêmicos de um curso da Universidade Estadual do Maranhão, Campus de São João dos Patos.

Tiago da Costa Barros Macedo, no terceiro capítulo, apresenta uma proposta didática para o trabalho com a produção escrita de gêneros textuais em língua inglesa no Ensino Médio. O quarto capítulo de Aline Batista Rodrigues e Rosinélis Rodrigues da Trindade lançam reflexões acerca da dimensão discursivo-argumentativa das repetições como estratégias referenciais no gênero *redação escolar*, propondo formas de repensar o texto e seu processo de realização.

No quinto capítulo, Alyson Bueno Francisco apresenta as análises de professores-tutores e cursistas no Programa Rede São Paulo de Formação Docente a partir de um viés teórico-investigativo. Não muito diferente da proposta anterior são as reflexões propostas por Elisiane Araújo dos Santos Frazão e Veraluce da Silva Lima, no sexto capítulo, que investigam a conversação na *web* a partir da interface *Facebook*.

Eliana Pereira de Carvalho no sétimo capítulo traz a discussão de uma das obras do escritor Mia Couto em que a questão da temporalidade é discutida no romance estudado. No oitavo capítulo, Iliane Tecchio e Tairine Maia Silva pontuam as metamorfoses sofridas pelo vampiro em filmes a partir da obra do escritor irlandês Bram Stoker. Já as observações inseridas no nono capítulo de Paloma Veras Pereira e José Dino Costa Cavalcante utilizam-se da análise de um romance do escritor José do Nascimento Moraes, a partir de um olhar acerca dos excluídos na cidade de São Luís, estado do Maranhão.

No décimo capítulo, Everton Luís Teixeira e Sílvio Holanda navegam reflexivamente nas páginas de Guimarães Rosa e Eric Hobsbawn, direcionando os olhares ao confronto de visões às questões da Segunda Guerra Mundial, analisadas na ótica da leitura histórica e da ficção rosiana. No décimo primeiro capítulo, Natália Tano Portela e Rauer Ribeiro Rodrigues realizam um estudo comparativo entre um dos contos de Clarice Lispector e Alciene Ribeiro, discutem as possíveis aproximações em ambas as narrativas. O décimo segundo capítulo, Dhyovana Guerra e Thaluana Rafael Debarba Baumbach analisam bibliográfica e historicamente as relações de poder estabelecidas pelo período emancipatório de Cascavel, Paraná.

Anísio Batista Pereira, no décimo terceiro capítulo, investiga a memória discursiva nas manifestações sociais ocorridas em 28 de abril de 2017 e problematiza os efeitos de sentido produzidos a partir do entrelaçamento entre o passado e o presente materializados nos discursos. No décimo quarto capítulo, Guilherme Griesang propõe

reconstruir a historiografia a partir da memória bibliográfica sobre a ditadura na Argentina sob o viés de revisitação dos discursos.

O décimo quinto capítulo, Pamela Tais Clein analisa e aproxima o diálogo entre a literatura e o cinema no ensino de língua portuguesa tendo em vista a participação de alunos do terceiro ano do ensino médio, como experiência do Projeto Pibid. No décimo sexto capítulo, Marília Crispi de Moraes discute e analisa experiências de promoção e democratização do acesso à leitura, bem como de fomento à produção literária de grupos excluídos como forma de empoderamento e estímulo ao protagonismo social.

Ezequias da Silva Santos, no décimo sétimo capítulo, traz uma análise entre dois romances, estudando a construção das narrativas e a metaficção em uma perspectiva Neobarroca, como constituição literária das obras analisadas que são reveladas na identidade do texto e durante seu desenvolvimento. No décimo oitavo capítulo, Mariana Pinter Chaves e Ida Lucia Machado estudam e analisam as identidades das personagens na constituição da cena, respaldando-se em alguns estudiosos. E, por fim, no décimo nono capítulo deste livro, Claudia Regina Porto Buzatti aborda como centralidade a inserção da mulher com deficiência visual por meio da escrita, utilizando como *corpus* as modalidades escritas em caracteres braile e em tinta da escritora Elizete Lisboa.

Esperamos que todos os dezenove trabalhos propiciem outras reflexões e inspirem novos conhecimentos na concepção de novos leitores capazes de enxergar em cada texto uma trilha para o desenvolvimento de saberes. Sendo assim, resta-nos desejar aos interlocutores desta coletânea boas reflexões.

Prof. Me. Ivan Vale de Sousa

Organizador

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
TEXTUALIDADES E GÊNEROS TEXTUAIS NA SALA DE AULA <i>Ivan Vale de Sousa</i>	
CAPÍTULO 2	17
LEITURA, ESCRITA E CRITICIDADE: REFLEXÕES A PARTIR DE TEXTOS PRODUZIDOS POR ACADÊMICOS DO 6º PERÍODO DE LETRAS DA UEMA/CESJOP <i>Artemio Ferreira Gomes</i> <i>Marcos Antônio Fernandes dos Santos</i>	
CAPÍTULO 3	27
PRODUÇÃO ESCRITA DE GÊNEROS TEXTUAIS DE LÍNGUA INGLESA NO ENSINO MÉDIO: UMA PROPOSTA DE ARTICULAÇÃO DAS TEORIAS LINGÜÍSTICAS DE ABORDAGEM LEXICAL E APRENDIZAGEM BASEADA EM TAREFAS <i>Tiago da Costa Barros Macedo</i>	
CAPÍTULO 4	40
A DIMENSÃO DISCURSIVA-ARGUMENTATIVA DAS REPETIÇÕES COMO ESTRATÉGIAS REFERENCIAIS NO GÊNERO REDAÇÃO ESCOLAR: UM OUTRO PENSAR SOBRE O TRABALHO COM TEXTOS <i>Aline Batista Rodrigues</i> <i>Rosinélio Rodrigues da Trindade</i>	
CAPÍTULO 5	53
A LINGUAGEM ENTRE TUTOR-CURSISTA EM CURSO SEMIPRESENCIAL DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES <i>Alyson Bueno Francisco</i>	
CAPÍTULO 6	64
CONVERSAÇÃO NA WEB: UM ESTUDO DOS MARCADORES CONVERSACIONAIS EM USO NO FACEBOOK <i>Elisiane Araújo dos Santos Frazão</i> <i>Eraluce da Silva Lima</i>	
CAPÍTULO 7	77
ENTRE FRONTEIRAS CULTURAIS: AS ESTRATÉGIAS DA EMPRESA COLONIAL PORTUGUESA E A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO HÍBRIDO EM VENENOS DE DEUS, REMÉDIOS DO DIABO, DE MIA COUTO <i>Eliana Pereira de Carvalho</i>	
CAPÍTULO 8	89
DRÁCULA DE BRAM STOKER: O PROTAGONISTA IMORTAL <i>Iliane Tecchio</i> <i>Tairine Maia Silva</i>	
CAPÍTULO 9	98
UMA SÃO LUÍS DE EXCLUSÕES: UM OLHAR SOBRE OS MARGINALIZADOS NO ROMANCE VENCIDOS E DEGENERADOS <i>Paloma Veras Pereira</i> <i>José Dino Costa Cavalcante</i>	
CAPÍTULO 10	113
“NESTES MOMENTOS LÚGUBRES DE ONTEM”: LITERATURA E HISTÓRIA NAS PÁGINAS DE GUIMARÃES ROSA E NAS DE ERIC HOBSBAWM <i>Everton Luís Teixeira</i>	

CAPÍTULO 11	124
DESTINO DE MULHER EM CLARICE LISPECTOR E ALCIENE RIBEIRO	
<i>Natália Tano Portela</i>	
<i>Rauer Ribeiro Rodrigues</i>	
CAPÍTULO 12	134
ENTRE CASCAVÉIS E JAGUNÇOS: AS RELAÇÕES DE PODER ESTABELECIDAS NO PERÍODO EMANCIPATÓRIO DA CIDADE DE CASCAVEL – PR	
<i>Dhyovana Guerra</i>	
<i>Thaluan Rafael Debarba Baumbach</i>	
CAPÍTULO 13	144
EFEITOS DE MEMÓRIA DISCURSIVA NAS MANIFESTAÇÕES SOCIAIS DE 28 DE ABRIL DE 2017: ANÁLISE DE IMAGENS DISPONÍVEIS NA INTERNET	
<i>Anísio Batista Pereira</i>	
CAPÍTULO 14	159
DITADURA NA ARGENTINA: A RECONSTRUÇÃO DO PASSADO POR UMA PERSPECTIVA HISTORIOGRÁFICA	
<i>Guilherme Griesang</i>	
CAPÍTULO 15	167
A LITERATURA E O CINEMA: UMA PROPOSTA DE DIÁLOGO NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA	
<i>Pamela Tais Clein</i>	
CAPÍTULO 16	178
OS PONTOS DE CULTURA E A PROMOÇÃO DO EMPODERAMENTO: LEITURA E PRODUÇÃO LITERÁRIA COMO ALAVANCAS DE PROTAGONISMO SOCIAL	
<i>Marília Crispi de Moraes</i>	
CAPÍTULO 17	196
OS DETETIVES DE PAPEL E OS DETETIVES EM CARNE E OSSO: A LINGUAGEM NEOBARROCA EM OS DETETIVES SELVAGENS E E NO MEIO DO MUNDO PROSTITUTO SÓ AMORES GUARDEI AO MEU CHARUTO	
<i>Ezequias da Silva Santos</i>	
CAPÍTULO 18	208
NARRATIVAS DE VIDA EM CENA:	
UM ESTUDO SEMIOTICÓNICAS DAS IDENTIDADES DE PERSONAGENS-ATRIZES NO TEATRO DOCUMENTÁRIO	
<i>Mariana Pinter Chaves</i>	
<i>Ida Lúcia Machado</i>	
CAPÍTULO 19	221
ELIZETE LISBOA: A INSERÇÃO DA MULHER COM DEFICIÊNCIA VISUAL ATRAVÉS DA ESCRITA	
<i>Claudia Regina Porto Buzatti</i>	
SOBRE O ORGANIZADOR	231

EFEITOS DE MEMÓRIA DISCURSIVA NAS MANIFESTAÇÕES SOCIAIS DE 28 DE ABRIL DE 2017: ANÁLISE DE IMAGENS DISPONÍVEIS NA INTERNET

Anísio Batista Pereira

Universidade Federal de Uberlândia (UFU/
FAPEMIG) – Instituto de Letras e Linguística –
ILEEL – Uberlândia/MG

RESUMO: A memória se constitui em um elemento relevante do discurso, tendo em vista que as práticas discursivas provocam a emergência de discursos já produzidos, demarcados historicamente. Tomando essa memória como campo associado, esse integrante é considerado importante, também, pela produção de sentidos no discurso, agregando um novo sentido ao já-dito, a partir do presente no qual se dá a enunciação. Pensando nessa dimensão discursiva, este artigo se propõe a investigar a memória discursiva nas manifestações sociais ocorridas em 28 de abril de 2017, objetivando problematizar os efeitos de sentido produzidos a partir desse entrelaçamento entre o passado e o presente materializados nos discursos. Para tanto, foram selecionadas três imagens disponíveis na internet, aquelas que atenderam o objetivo deste trabalho de forma mais completa, cuja memória se faz nitidamente presente. Como recorte teórico-metodológico, foram adotados pressupostos da Análise do Discurso de vertente francesa, sobretudo as considerações de Michel Pêcheux e Michel Foucault, com

destaque para este último. Para as análises, alguns conceitos foram tomados, como sujeito, discurso, história, memória e sentido, os quais caminham interligados, no sentido de dar corpo às leituras das imagens relacionadas às manifestações. Pelos domínios de memória nos discursos analisados, verifica-se a relação com outros discursos, como religioso, e que esse sujeito trabalhador procura contestar a ordem estabelecida e procura construir um lugar de verdade em suas manifestações.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso. História. Memória. Manifestações sociais.

ABSTRACT: Memory is a relevant element of discourse, considering that discursive practices cause the emergence of discourses already produced, historically demarcated. Taking this memory as an associated field, this member is considered important, also, by the production of meanings in the discourse, adding a new sense to the already-said, from the present in which the enunciation takes place. Thinking about this discursive dimension, this article intends to investigate the discursive memory in the social manifestations that occurred on April 28, 2017, aiming to problematize the effects of meaning produced from this interweaving between the past and the present materialized in the discourses. In order to do so, three images were selected on the Internet, those that fulfilled the

purpose of this work in a more complete way, whose memory is clearly present. As a theoretical-methodological clipping, the assumptions of the French Speech Analysis were adopted, especially the considerations of Michel Pêcheux and Michel Foucault, with emphasis on the latter. For the analysis, some concepts were taken, such as subject, discourse, history, memory and sense, which walk interconnected, in order to give body to the readings of the images related to the manifestations. For the domains of memory in the analyzed discourses, the relation with other discourses, as religious, is verified, and that this working subject tries to contest the established order and tries to construct a place of truth in its manifestations.

KEYWORDS: Speech. History. Memory. Social manifestations.

1 | INTRODUÇÃO

O discurso se faz presente em quase todos os tipos de interação humana, e assume várias formas e dimensões. Esse processo comunicativo provoca uma reflexão acerca da constituição dos sujeitos a partir das práticas discursivas, dos regimes de verdades emergentes em cada época, considerando o sujeito como histórico e sempre da ordem do inacabado. Pensando sobre as interações entre os sujeitos ligados à história e do momento considerado como a era das novas tecnologias digitais, este trabalho objetiva problematizar, por meio de análises, as memórias discursivas presentes em algumas imagens relacionadas à greve geral, manifestação ocorrida em 28 de abril de 2017.

Ressalte-se que, além dessa ocorrência nas ruas, a organização se deu, também, por meio da rede digital, recurso que serviu de base, ainda, para a publicação e compartilhamento de fotografias e de montagens sobre o evento contra as reformas propostas pelo presidente interino, Michel Temer. Considerando a extensão do presente trabalho, foram selecionadas três (3) imagens de diferentes fontes, cuja regularidade discursiva se concentra na memória e seus efeitos instigantes, correspondendo de forma mais precisa aos objetivos deste trabalho.

Pensando na sua extensão e abordagens, o artigo está organizado na seguinte ordem: em um primeiro momento, foram problematizados alguns conceitos operacionais da AD francesa, como sujeito, discurso, história, memória e sentido, com destaque para as formulações foucaultianas; em seguida, seguem as análises das imagens coletadas na internet, cujo foco principal é sublinhar essas memórias discursivas que criam efeitos de sentido nos discursos presentes, delineando para as considerações finais.

2 | DISCURSO, HISTÓRIA E MEMÓRIA: BREVES APONTAMENTOS

Considera-se que o sujeito, na perspectiva teórico-metodológica dotada, é constituído na/pela história, por meio das práticas discursivas em cada época. Uma

vez sendo histórico, esse sujeito é disperso, sempre na ordem do inacabado, tendo em vista que a história é dinâmica e os discursos são produzidos de acordo com cada momento. Assim, as condições de existência do discurso estão intimamente ligadas à história pelos regimes de verdades de cada momento, isto é, de acordo com o verdadeiro de uma época dada. Essas verdades, na perspectiva foucaultiana, se encaixam, sobretudo, na ciência, mas além disso, há as chamadas “outras arqueologias”, discursos que não estão ligados a conhecimentos científicos, mas que contêm em seus domínios regimes de verdade e constituem sujeitos no percurso histórico.

Ressalte-se, também, que em meio às práticas discursivas há sempre relações de poder, este não necessariamente relacionado ao Estado, mas que acontece de sujeito para sujeito, no cotidiano, segundo Foucault (1981). O poder é algo que funciona, se exerce pelos sujeitos nas suas relações discursivas diárias, porém, ele acontece nos diversos tipos de relações, no âmbito social. Assim, vale destacar que essas relações de poder não são negativas, pois produzem verdades e sujeitos. O que se percebe é uma interdependência entre esses dois fatores, isto é, as verdades circuladas a cada época são arraigadas de poder e vice-versa, responsáveis pelos processos de subjetivação dos sujeitos no âmbito da história.

A definição de discurso para Foucault não é algo fácil de se compreender, tendo em vista suas formulações ao longo de suas obras que se debruçam sobre os fatores saber e poder, as chamadas fases arqueológica e genealógica, em que esse teórico sublinha esses dois aspectos como responsáveis pela constituição do sujeito. Vale destacar que na obra *Arqueologia do Saber* há formulações precisas para essa tarefa desafiadora de procurar esclarecer ou ao menos problematizar o conceito de discurso.

Foucault (2008) toma o discurso como um conjunto de enunciados que se apoiam em uma mesma formação discursiva, esta se repousa sobre a emergência do discurso em dado momento e que obedece a certas regularidades ligadas às suas condições de existência. Essa emergência pode ser referida como a dispersão do discurso, uma vez que esse referido filósofo problematiza o fator unidade como tradicionalmente é percebido e que essas formações discursivas acontecem no âmbito da descontinuidade, por um processo de dispersão.

No que tange ao discurso, pela sua função enunciativa que apresentam características relevantes, sobretudo para as análises do *corpus*, além do posicionamento do sujeito, outros fatores contribuem para a sua consideração. O enunciado, na perspectiva foucaultiana, constitui a efetividade discursiva, na sua singularidade e a sua produção recorre sempre outros enunciados. Assim,

[...] trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui (FOUCAULT, 2008, p. 31).

Essa relação que um enunciado mantém com outros enunciados, já produzidos, aponta para o que esse teórico denomina de campo associativo, este se constituindo em uma memória, a qual será discutida mais adiante, servindo-se como tripé para as leituras das imagens selecionadas. Um enunciado, ainda que retomado, seu sentido não será o mesmo, pois o momento histórico no qual é produzido lhe atribui novo sentido, de acordo com as condições históricas de possibilidade em que aparece.

Além dos aspectos de posicionamento de sujeito e campo associado, o enunciado possui uma data de produção, um suporte material e institucional, além de um domínio de memória, o que Foucault (2008) denomina de campo associado. A essa relação com outros discursos, também é dada a denominação de interdiscurso, cujas relações discursivas se dão no interior do discurso produzido.

Tendo em vista a constituição do sujeito que é histórica e pelas produções discursivas que também são históricas, os enunciados possuem um caráter de acontecimento, e esse evento se liga aos fatores históricos que o permitem acontecer e não simplesmente a se repetir, bem como defende Foucault (2008, p. 31-32).

Trata-se de um acontecimento estranho, por certo: inicialmente porque está ligado, de um lado, a um gesto de escrita ou à articulação de uma palavra, mas, por outro lado, abre para si mesmo uma existência remanescente no campo de uma memória, ou na materialidade dos manuscritos, dos livros e de qualquer forma de registro; em seguida, porque é único como todo acontecimento, mas está aberto à repetição, à transformação, à reativação; finalmente, porque está ligado não apenas a situações que o provocam, e a consequências por ele ocasionadas, mas, ao mesmo tempo, e segundo uma modalidade inteiramente diferente, a enunciados que o precedem e o seguem.

Nessa perspectiva, é evidenciada a natureza de unicidade do enunciado quando encaixado na natureza do acontecimento, considerando o momento histórico no qual foi produzido, que lhe dá um caráter novo e não apenas repetição de um já-dito. A singularidade é advinda de suas condições de emergência, pelo processo de dispersão e descontinuidade na história. Dessa forma, todo enunciado se relaciona com outros enunciados e serve de base para a formação de outros futuramente.

A história é tomada como um fator *a priori* na Arqueologia foucaultiana, uma vez que descrever o arquivo é rumar em direção à temática história, como alicerce para os avalanches discursivos que se dão em determinada época. Esse olhar mais acentuado para o fator história é evidenciado no item *O enunciado e o arquivo*, a partir do qual esse teórico supracitado soblinha a emergência de um enunciado e seu vínculo histórico, pela povoação de outros enunciados em seu interior.

Dois aspectos relevantes para se compreender esse fator histórico como determinante para a produção discursiva é a dupla enunciado e arquivo. A emergência de um enunciado é condizente com o momento vigente da enunciação e o arquivo evoca a retomada de algo construído em uma dada época, como pertencente a um conjunto dos discursos inscritos em certos aspectos, como objeto determinado,

temática específica e sujeitos. Esse arquivo condiz com as condições de possibilidade determinantes do enunciado, isto é, aquilo que pode ser dito em determinado momento, tomado como verdade.

Pela ordem do, sabe-se que um discurso pode ser tomado como verdadeiro, tendo sua circulação possibilitada pelos sujeitos, legitimado; ou o contrário, pelos sistemas de interdição. Nesse ínterim, o lugar social ocupado pelo sujeito é considerado relevante, já que o que se diz se relaciona a esse lugar, autorizando-o ou não a produzir determinado discurso em um lugar específico, em um momento histórico definido. “Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” (FOUCAULT, 1996, p. 9).

A história, como discorrido, apresenta seu lugar no que tange à constituição do sujeito e à produção discursiva, já que determina as condições de possibilidade para a emergência dos discursos e apresenta sua importância para se problematizar o conceito de memória discursiva. Nessa direção, trata-se de um aspecto relevante, sobretudo pelas considerações teórico-metodológicas de Michel Foucault, já que suas obras são pautadas nas produções de saberes e nas relações de poder, indicadores de momentos históricos como pano de fundo bem determinado nesse campo disciplinar.

Certeau (2002) e Burque (2011) problematizam a história de forma a destacar elementos que interessam para este trabalho, no que concerne à problemática da nova história. Pela perspectiva histórica, como fator norteador da produção discursiva, vale apontar que se trata de uma nova concepção de história: a denominada “nova história”. Essa história, percebida como distinta da tradicional, se encaixa na obra foucaultiana, uma vez que suas considerações são pautadas pela busca de explicações rumo a novas perspectivas, sobretudo a de se explicar a sociedade, nas produções discursivas, a partir das microestruturas.

Instaura-se, então, uma dicotomia no que tange a duas concepções distintas de história: de um lado, a tradicional, denominada de global e, de outro, a entendida como universal. Se por um lado, a história tradicional busca explicar os fatos obedecendo certa linearidade dos acontecimentos, a nova história procura por uma retomada, uma descontinuidade dos acontecimentos sociais. O que se percebe, nessa perspectiva, é uma irrupção histórica, evidenciada pela própria problemática dos enunciados, que se constituem mantendo relações com outros enunciados já produzidos.

A nova história não se vale de grandes feitos, sobretudo políticos, como a história tradicional, mas de inúmeros aspectos sociais que norteiam os sujeitos, a sociedade e a visão sobre esses aspectos é mantida a partir das microestruturas, bem como afirma Burke (2011, p. 3):

[...] vários novos historiadores estão preocupados com “a história vista de baixo”; em outras palavras, com as opiniões das pessoas comuns e com sua experiência da mudança social. A história da cultura popular tem recebido bastante atenção. Os historiadores da Igreja estão começando a estudar sua história vista tanto de baixo, como de cima. Os historiadores intelectuais também têm deslocado sua atenção

dos grandes livros ou das grandes ideias — seu equivalente aos grandes homens — para a história das mentalidades coletivas ou para a história dos discursos ou “linguagens”, a linguagem da escolástica, por exemplo, ou a linguagem forense [...].

As palavras do autor remete a ideia de uma visão histórica a partir da sociedade, isto é, das pessoas, denominadas sujeitos pela linguagem pautada no discurso. Tal olhar de historiador remete às considerações não dos grandes acontecimentos, como fatores políticos que muitas vezes determinam a sociedade, mas a partir das pessoas, das microestruturas. Esse olhar sobre os sujeitos direciona para os discursos, isto é, fundamentando ao que essa história universal (a nova história) conceitua como “olhar de baixo”.

Quando Foucault problematiza o poder, essa maneira de se perceber as microestruturas retrata de forma perceptível essa nova noção de história, uma vez que é defendido que o exercício do poder acontece a partir das microfísicas, isto é, microforças, travando lutas diariamente nesse processo de práticas discursivas. Nessa direção, a nova história se faz presente, ao considerar lutas diárias e produção de saberes, as microestruturas entram em cena, bem como a descontinuidade e a irrupção dos discursos/sujeitos com a história. Essa visão de microestruturas para se pensar o discurso se fundamenta nessa nova história, ao considerar os sujeitos, por essa visão de baixo e pela não linearidade histórica tradicional. “Singularidade, dizíamos: os discursos dos fenômenos são singulares nos dois sentidos da palavra; eles são estranhos e não cabem numa generalidade, cada um deles é o único de sua espécie” (VEYNE, 2008, p. 29).

No tocante à história, pelo processo da descontinuidade e por essa emergência relacional dos discursos, elenca-se a denominada memória discursiva, conceito considerável para se pensar essa produção de enunciados a partir de outros já existentes e dispersos na história. Ressalte-se que esse conceito de memória discursiva é elaborado, inicialmente, por Courtine, a partir de certas considerações já estabelecidas, como a noção de formação discursiva de Foucault.

É a partir do domínio de memória que podemos apreender os funcionamentos discursivos de encaixe do pré-construído e de articulação de enunciado (no sentido dado a estes termos): isso equivale a dizer que o domínio de memória apresenta, num plano de organização de *corpus* discursivo, o interdiscurso como *instância de constituição de um discurso transverso* que regula para um sujeito enunciador, produzindo uma sdr em cp determinadas, o modo de doação dos objetos de que fala o discurso, assim como o modo de articulação desses objetos: é a partir do domínio de memória que se poderá aproximar os processos que garantem a referência dos nomes por sujeito enunciador e autorizam, assim, a predicação e a correferencialidade (COURTINE, 2009, p. 112, grifos do autor).

Vale destacar que sdr significa “sequência discursiva de referência” e cp igual a “condições de produção”. As considerações desse autor retomam conceitos foucaultianos no esboço de suas formulações sobre memória discursiva, sobretudo formações discursivas e objetos, fatores decisivos nos processos discursivos. Esse domínio de memória, que Foucault denomina de campo associativo, estabelece uma

referência a discursos já produzidos, além de estabelecer uma interdiscursividade ao que é produzido no presente, atribuindo uma condição de sentidos ao discurso, isto é, a uma sequência denominada recorte enunciativo.

Esse caráter de memória caracteriza o enunciado, no sentido metodológico, como passível de ser isolado, na condição de acontecimento, e também de se relacionar com outros enunciados, pelo caráter de se constituir a partir de outros. Além disso, no que respeita à nomenclatura de memória, Foucault e Pêcheux apresentam semelhanças em relação a esse conceito. Para o primeiro, “já-dito” e para o segundo, “pré-construído” ou “implícito”, este tomado também por Achard (1999), evidenciando, assim, esse caráter que o discurso apresenta de conter em seu interior outros discursos, materializados por meio dos enunciados, seja estes pela língua ou imagéticos. Foucault não trabalha com a ideia de memória propriamente dita, mas utiliza outros termos que fazem referência e essa memória discursiva, como já-dito e campo associado, referindo-se a essa condição de constituição de um enunciado a partir de outro(s).

Ainda que apresentam diferenças quanto às definições, esses dois teóricos referidos apresentam proximidades no que concerne a essa memória discursiva:

A esse tema se liga um outro, segundo o qual todo discurso manifesto repousaria secretamente sobre um já-dito; e que este já-dito não seria simplesmente uma frase já pronunciada, um texto já escrito, mas um “jamais-dito”, um discurso sem corpo, uma voz tão silenciosa quanto um sopro, uma escrita que não é senão o vazio de seu próprio rastro (FOUCAULT, 2008, p. 28).

O termo *interdiscurso* caracteriza esse corpo de traços como materialidade discursiva, exterior e anterior à existência de uma sequência dada, na medida em que esta materialidade intervém para constituir tal sequência. O não-dito da sequência não é, assim, reconstruído sobre a base de operações lógicas internas, ele remete aqui a um já-dito, ao dito em outro lugar: assim, a noção discursiva de pré-construído deve ser distinta da noção lógica de pressuposição, da mesma forma a noção discursiva de discurso transversal se distingue da noção lógica de implicação (PÊCHEUX, 2009, p. 145-146, grifo do autor).

As considerações dos dois autores se complementam, considerando os termos “já-dito” e “pré-construído”, que se ligam a essa memória, isto é, discursos produzidos na história e que o sujeito, ao enunciar, retoma para seu presente, provocando um efeito de memória discursiva, que é sempre um “jamais-dito”. Essa retomada enunciativa, mas no sentido não de pura repetição, atribui um sentido novo ao discurso, tornando-o singular, da ordem do acontecimento, de acordo com as considerações foucaultianas.

Além dessas denominações referentes à memória, Pêcheux (2009) elenca o conceito de interdiscursividade para esse “pré-construído”, uma vez considerando esse discurso anterior trazido para a formação de um novo discurso. Esse interdiscurso, emergência de um discurso novo que aciona outros já existentes, desempenha o papel de atribuir sentidos ao discurso presente, o qual se liga a essa anterioridade a ele, pautado por essa retomada histórica a qual a memória busca para o presente vigente.

Segundo Pêcheux (2011, p 52):

Tocamos aqui um dos pontos de encontro com a questão da memória como estruturação de materialidade discursiva complexa, estendida em uma dialética da repetição e da regularização: a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível.

Pela memória que é acionada por meio do enunciado, essa não repetibilidade se baseia pelo fenômeno das regularidades, estas ligadas a fatores históricos, bem como as condições históricas de sua emergência, de acordo com Foucault (2008) ou condições de produção, de acordo com as definições pecheutianas. Tais regularidades discursivas concernem em uma ordem, uma modalidade enunciativa, posicionamentos de sujeitos, temática e objeto, enfim uma série de fatores que determinam o sentido particular de um discurso, inviabilizando que essa retomada se dê simplesmente como repetição de algo já construído.

Nessa direção, vale destacar a constituição do sujeito pela história, pelas relações de saber e de poder (FOUCAULT, 2010), por meio das quais se dá sua subjetivação, em que se inscreve em dada formação discursiva. Trata-se de um sujeito disperso, histórico e sempre em construção, cujos discursos apresentam esse caráter de se constituírem a partir de outros “já-ditos”, pela memória que pode ser percebida a partir das análises das imagens que se seguem.

3 | AS MANIFESTAÇÕES E A MEMÓRIA DISCURSIVA: DAS RUAS PARA A WEB

Como recorte de *corpus* para as análises, cujos discursos são sobre as manifestações sociais ocorridas em 28 de abril de 2017, foram selecionadas três (3) figuras disponíveis na internet, em que foram observadas aquelas que continham um teor mais relevante acerca das memórias materializadas, subsidiando de forma mais precisa as análises. Para essas leituras, o suporte teórico-metodológico adotado se baseia em Pêcheux e Foucault, este com mais atenção, além de dar importância a Courtine, teórico que instaura o conceito de memória no que tange à análise do discurso.

Nessa perspectiva, as figuras analisadas apresentam algumas semelhanças, sobretudo quanto aos discursos ligados ao cristianismo, presentes nas imagens 2 e 3, fator que possibilitou relacioná-las quanto a essa temática, contribuindo para a construção de uma análise comparativa entre ambas no que tange à memória discursiva. Assim, as análises seguiram em direção às memórias, as quais constroem efeitos de sentido nos discursos, tendo em vista as condições históricas de possibilidade de suas emergências.



Pug @LucasLopes05561 · 28 de abr

"Toda revolução começa com uma faísca" #BrasilEmGreve



Figura 1 – “Flechada no Congresso Nacional”.

Fonte: <<https://twitter.com/mabchalegre>>. Acesso em: 15 nov. 2017.

A figura 1 foi coletada do *twitter*, rede social que, dentre várias outras, serviu de cenário para as manifestações, possibilitando a interação entre os sujeitos trabalhadores não apenas nas ruas, mas também virtualmente, meios de comunicação que contribuiu, inclusive, para a organização desse evento.

Nessa referida figura, cuja linguagem é apenas não verbal quando se refere ao sujeito índio, o qual é apresentado com um arco e uma flecha em direção ao Congresso Nacional, possibilitando relacionar tal enunciado ao título atribuído pelo proprietário da conta do *twitter*, logo acima: “Toda revolução começa com uma faísca”, seguida da *hashtag* “#BrasilEmGreve”. Nessa dimensão, pode-se tomar ao que Foucault (1981) denomina de relações de poder, que se dá em meio às microfísicas, construindo verdades e sujeitos, razão pela qual surgem as resistências.

No que tange ao sujeito índio, elenca-se uma memória quando retomada a sua história em relação ao descobrimento do Brasil pelos portugueses, cujo sujeito descobridor mantém uma relação de sujeição com esse sujeito primitivo brasileiro. Cria-se um efeito de justiça quanto ao confronto do momento presente do enunciado, cujo sujeito branco e sujeito índio se constituem em duas forças opostas socialmente ao longo da história do Brasil. Esse efeito se traduz, também, como uma espécie de vingança desse sujeito índio, tido como o primeiro habitante do país, que é invadido pelo branco que toma a sua morada e sua cultura. Nesse contexto, Courtine (2009, p. 104, grifos do autor) afirma que

[...] toda formulação apresenta em seu “domínio associado” outras formulações que ela repete, refuta, transforma, denega..., isto é, em relação às quais ela produz efeitos de memória específicos; mas toda formulação mantém igualmente com formulações com as quais coexiste (seu “campo de concomitância”, diria Foucault) ou que lhe sucedem (seu “campo de antecipação”) relações cuja análise inscreve necessariamente a questão da *duração* e da *pluralidade dos tempos históricos* no interior dos problemas que a utilização do conceito de FD levanta.

Em consonância com as palavras do teórico, o qual retoma os conceitos de formação discursiva e de campo associado, formulados por Foucault (2008) e a oscilação entre a repetição e a regularização de Pêcheux (2011), considera-se essa memória do enunciado como um confronto histórico, cuja formação discursiva se dá por meio dessa pluralidade dos tempos históricos no enunciado. A memória presente no enunciado aponta para um percurso histórico do sujeito índio, bem como é materializado na figura (sem camisa, com um arco e flecha, bem como a cor da pele morena e cabelo preto e liso). Os instrumentos se constituem em seu meio de defesa que, no presente do enunciado, simboliza um desconforto em relação à ordem do homem branco e, sobretudo, pela (des)ordem do presente em relação à formação discursiva política e social desse sujeito índio. Dessa forma, o passado histórico e o presente se encontram no enunciado, sugerindo essa relação de sujeição entre os sujeitos branco e índio do passado, numa ordem metafórica entre o trabalhador e atual presidente. No entanto, Congresso Nacional simboliza lugar de se fazer as leis, cujo poder legislativo federal é o alvo desse sujeito reacionário (não no sentido antidemocrático do termo, mas reação pela democracia) e que as leis do homem branco, no entanto, é motivo da resistência desse sujeito histórico que se coloca como idealizador da justiça.

“Toda revolução começa com uma faísca” aciona discursos passados na história do país, cujas mudanças se deram pelos movimentos sociais, isto é, pelas resistências dos sujeitos que, pela (des)ordem do discurso estabelecido, fizeram emergir outras ordens sociais. “Faísca”, semanticamente, aponta para outros sentidos, como algo minúsculo que toma uma dimensão maior, referindo-se à resistência desse índio em relação ao Congresso e a greve geral dos trabalhadores que, apesar de apenas um dia, seu efeito é passível de mudança. Além disso, o próprio enunciado da figura sugere essa “faísca” como atitude mínima, mas significativa, levando em consideração o sentido de Congresso e do instrumento flecha nesse contexto.

A *hashtag* “#BrasilEmGreve”, cujo efeito metonímico sugere a união dos sujeitos trabalhadores em uma mesma categoria, constituindo-se em um corpo social unificado, inclusive as minorias, como o índio, cuja etnia constitui os primórdios da história do Brasil. Nessa dimensão, o discurso sobre as diferenças é apagado, emergindo laços de resistência, isto é, manter todos os sujeitos em um mesmo posicionamento, em relação às reformas sociais, como o elemento capaz de provocar a mudança.

Esse discurso materializado no enunciado, que coloca o sujeito índio como protagonista dessa revolução do presente, é simbólico, tendo em vista que o que está em jogo não é uma flechada como arma revolucionária desse presente legislativo, mas uma memória desse pioneiro que é tomado como justo e serve de pano de fundo para colocar essa ordem do homem branco em xeque. Para o sujeito leitor, é evidenciado que o enunciado direciona-o para um paralelo entre o passado e o presente, discursos que se cruzam, surtindo o efeito de desmoralizar o momento político do presente, que

se percebe, também, na figura 2:



Figura 2: Discurso religioso.

Fonte: <<http://jornaldehumaita.com.br/2017/04/fotos-protestos-atingem-6-cidades-no-amazonas/>>. Acesso em: 15 nov. 2017.

A figura 2 explicita o movimento grevista nas ruas, ainda que tenha durado apenas um dia, cujas paralisações revelam a resistência da classe trabalhadora em relação à ordem estabelecida. Esses sujeitos são, em sua maioria, trabalhadores, cujo movimento atribui-lhes um caráter coletivo em busca de seus direitos.

O discurso materializado no cartaz da figura revela a insatisfação desses sujeitos e as relações de poder (FOUCAULT, 1981) com o destinatário da mensagem, o presidente interino. Percebe-se a modalidade enunciativa típica de sujeitos cidadãos que se manifestam nas ruas, espaço público cujo discurso constrói um lugar de verdade, sobretudo pela legitimidade que busca conquistar em meio ao movimento social, cujo discurso é autorizado a circular, pelo momento histórico e sujeitos envolvidos, bem como afirma Foucault (1996) quando explana *A ordem do discurso*.

Para reforçar esse regime de verdade, a memória se faz presente, cujos sujeitos apelam por um discurso religioso, em que busca a justiça baseando-se nos ensinamentos de Cristo, sublinhando a injustiça que revela no momento presente. Esse dever de buscar a justiça ao se colocar no lugar de injustiçados, em direção ao cristianismo, exterioriza uma formação discursiva religiosa desses sujeitos, buscando na história os discursos de um sujeito tomado como puro e justo, cujas palavras são incontestáveis.

Dessa forma, essa recorrência a um discurso anterior no enunciado do presente (“Assim diz o senhor: mantenha a JUSTIÇA e pratiquem o que é direito. NÃO À REFORMA!”) coloca essa memória em evidência, criando um efeito de sentido de que os sujeitos trabalhadores são injustiçados pela ordem imposta pelo sujeito presidente Michel Temer. Essa retomada histórica possibilita direcionar esse discurso para outro

discurso religioso construído por Cristo: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”, indo ao encontro desse discurso mencionado no cartaz, cujos sujeitos se revelam seguidores desse sujeito santo, instaurando esse lugar de verdade a partir dessa memória de verdade cristã. Nessa direção, Foucault (2008, p. 110) aponta que

[...] um enunciado tem sempre margens povoadas de outros enunciados. Essas margens se distinguem do que se entende geralmente por “contexto” - real ou verbal -, isto é, do conjunto dos elementos de situação ou de linguagem que motivam uma formulação e lhe determinam o sentido (p. 110).

Essa busca por um discurso religioso, cuja inserção atribui um sentido novo ao enunciado do presente, entra em consonância com suas condições de possibilidade, condizente com o momento vivenciado pelos sujeitos trabalhadores que procuram evidenciar uma injustiça que lhes é imposta e instaurar novo discurso considerado verdadeiro.

Percebe-se uma estratégia em relação à estética do discurso, cujo termo “JUSTIÇA”, elaborado em caixa alta, entra em consonância com a frase final “NÃO À REFORMA!”, realce que sugere uma injustiça que ora se estabelece. Assim, apela-se para outra ordem, justa para esses sujeitos integrantes da classe trabalhadora, cuja menção “justiça”, nesse sentido, faz alusão à justiça divina que, na memória coletiva, é percebida como infalível, discurso que sustenta esse lugar buscado pelos sujeitos protestantes. Essa estratégia de convencimento que se apela pelo religioso, entra em consonância com o que Foucault (2011) menciona como saber e sua relação com o poder. Além disso, essa memória discursiva efetiva a equivalência desses sujeitos, unidos em um mesmo corpo social, como os sujeitos (povo) da época de Cristo, cujos ensinamentos são rebuscados como quem cumpre essa palavra divina, como dever de consciência e estratégia discursiva para se buscar a justiça para a classe trabalhadora. Discurso semelhante é possível perceber na figura 3:



Figura 3: Recorrência a discurso religioso.

Fonte: <<https://alopresidentabr.wordpress.com/2017/03/27/centrais-convocam-greve-para-28-de-abril-contra-terceirizacao-e-reformas-da-previdencia-e-trabalhista-brasil-reuters/>>. Acesso em: 15 nov. 2017.

Em consonância com o discurso da figura 2, a imagem acima também apela

para o religioso, cuja estratégia direciona-se para a construção de uma metáfora, estabelecendo uma harmonia entre as linguagens verbal e não verbal, tomando Cristo como sujeito central dessa construção enunciativa.

Para fundamentar discursivamente essa resistência, os sujeitos trabalhadores buscam na história uma passagem vivida por Jesus Cristo, cujo lugar entra como pano de fundo para o sujeito trabalhador no presente da enunciação. “Terceirização é a Via Crucis do trabalhador”, metáfora que desconstrói o discurso de reforma sugerida pelo presidente interino, cuja intenção é criar um efeito de convencimento, isto é, estampar para os trabalhadores e para a sociedade em geral a negatividade dessa proposta de reforma. Para reforçar esse discurso, os sujeitos presidente e trabalhador são metaforizados como Cristo e Pilatos, isto é, sujeito injusticeiro *versus* sujeito injustiçado, memória que dá tônica ao discurso ligado às suas condições históricas de possibilidade. Assim, de acordo com Achard (1999) e Pêcheux (2011), o implícito se faz presente como elemento constitutivo do discurso que no presente é construído.

O enunciado, que recorre aos dois tipos de linguagem, verbal e não verbal, apela para uma memória discursiva que cria esse efeito de verdade em relação à metáfora estabelecida, retomando uma passagem da história de Cristo. “Via Crucis” refere-se ao percurso realizado por Jesus quando caminha carregando uma cruz até o Calvário, sob a pressão do chicote de seus opressores, como por exemplo, Pilatos, que é materializado no enunciado. Essa passagem, sendo recorrente a cada ano na época da Quaresma, cuja celebração é denominada “Paixão de Cristo”, estabelece uma consonância entre essa memória que busca o passado que é atualizado pelos sujeitos atuais, cuja formação discursiva religiosa possibilita essa ponte materializada pelo sentido construído. A época dessas manifestações, como ocorreram em abril, reativa essa memória social e se liga à atualidade dessas práticas de celebrações da quaresma, possibilitando as condições de existência desse discurso.

[...] a memória tende a absorver o acontecimento, como uma série matemática prolonga-se conjecturando o termo seguinte em vista do começo da série, mas o acontecimento discursivo, provocando interrupção, pode desmanchar essa “regularização” e produzir retrospectivamente uma série sob a primeira, desmascarar o aparecimento de uma nova série que não estava constituída enquanto tal e que é assim o produto do acontecimento; o acontecimento, no caso, desloca e desregula os implícitos associados ao sistema de regularização anterior (PÊCHEUX, 1999, p. 52).

Essa memória, relacionando-a com as palavras citadas, assume novo sentido, indo ao encontro do presente do enunciado, conferindo às considerações de Foucault (2008) sobre a não repetição do enunciado, o qual funciona na ordem do acontecimento. Dessa maneira, o dado enunciado, ainda que retoma outro já construído, mantém suas regularidades, atribuindo-lhe um caráter singular, cuja memória assume as condições do presente, sofre um deslocamento a partir dessas regularizações vigentes.

Esse efeito de memória, construído por essa passagem de Cristo, confere um sujeito em situação de sujeição, coloca o presidente e o trabalhador nesses lugares

de opressor e oprimido, fator que justifica a resistência da classe trabalhadora diante da proposta e busca outra alternativa que não a ordem estabelecida. Trata-se de uma relação que, no que concerne às posições exteriorizadas nos discursos, extrapola as relações de poder, já que coloca o sujeito trabalhador na condição de sujeição. No entanto, o próprio discurso, em manifestação que se enquadra em uma resistência, colocam os sujeitos trabalhadores e a classe governamental em relações de poder, pautadas pelos discursos cujas memórias são acionadas no presente das enunciações.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelas análises, tendo em vista o recorte teórico-metodológico adotado, ficam evidentes os efeitos de memória construídos nos discursos das figuras, cujas manifestações recorrem a discursos construídos anteriormente, isto é, “já-ditos”, ou “pré-construídos”, para dar consistência ao que é dito no presente. Nessa perspectiva, lugares de verdade são construídos por esses sujeitos trabalhadores, cujas manifestações apelam para uma resistência em relação à ordem estabelecida e busca construir outra ordem diante das reformas propostas.

Quanto aos efeitos de memória, é evidenciado o apelo a discursos ligados ao cristianismo, por exemplo, como reforço no sentido de legitimar os discursos circulados nas manifestações. Nesse sentido, essas estratégias discursivas ganham força à medida que esses sujeitos se unem em prol de um mesmo discurso, cujo espírito revolucionário ganha sustento em outros discursos já consolidados, instaurando efeitos de verdade nos enunciados. Esses discursos, que recorrem à história como recurso para seus sustentos, apresentam como pano de fundo a ordem discursiva e suas condições históricas de possibilidade de existência, traçando uma ponte entre o passado e o presente, tendo em vista a constituição desse sujeito trabalhador brasileiro.

REFERÊNCIAS

- ACHARD, Pierre. Memória e Produção discursiva de sentido. In: _____ et al. **Papel da Memória**. Campinas: Pontes, 1999, p. 11-21.
- BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: _____. **A Escrita da História: novas perspectivas**. SP: EDUNESP, 2011. p. 7-38.
- CERTEAU, Michel de. A Operação Historiográfica. In: _____. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002, p. 31-119.
- COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos: EDUFSCar, 2009.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. **Microfísica do Poder**. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1981.

_____. Poder e Saber. In: _____. **Ditos e Escritos IV**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 223-240.

PECHÊUX, Michel. Leitura e memória: projeto de pesquisa. In: _____. **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. Textos selecionados: Eni Puccinelli Orlandi. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011. p. 141-150.

_____. Papel da Memória. In: ACHARD, Pierre et al. **Papel da Memória**. Campinas: Pontes, 1999, p.49-57.

VEYNE, Paul. Tudo é singular na história universal: o “discurso”. In: _____. **Foucault**: o pensamento, a pessoa. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2008, p. 11-26.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-85107-13-0

